



Escola de Resistência -  
Episódio Um: Esta loucura tem que parar

School of Resistance -  
Episode One: This madness has to stop

Entrevista da School of Resistance<sup>1</sup>;  
com tradução e notas de Lúcia R. V. Romano<sup>2</sup>

---

1. “School of Resistance” é um projeto concebido por Milo Rau e colaboradores em 20 de maio de 2020, com o apoio do International Institute of Political Murder-IIPM e do Teatro NTGent (Bélgica), em cooperação com a Akademie der Künste (Berlim), Medico International, Merve Verlag, European Alternatives, Swiss Arts Council Pro Helvetia, COINCIDENCIA – Kulturaustausch Schweiz-Südamerika e HowlRound Theatre Commons (Escritório de Artes da Emerson College). Tem o patrocínio da Kulturstiftung des Bundes. E-mail: [schoolofresistance@ntgent.be](mailto:schoolofresistance@ntgent.be)

2. Mestre pela PUC-SP, Doutora pela ECA/USP e Especialista pelo Laban Centre-London. Docente do Instituto de Artes - IA/Unesp-SP. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Poéticas Atorais (CNPq) e do Grupo de Trabalho Mulheres da Cena (Abrace). End.: R. Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 - Barra Funda, São Paulo - SP, 01140-070. E-mail: [romanolu2008@gmail.com](mailto:romanolu2008@gmail.com). ORCID: 0000-0001-8528-1793.

## Resumo |

Este texto é a tradução de um excerto da transcrição do Episódio I: *Estaloucura tem que parar*, da “Escola de Resistência”; uma plataforma de diálogo entre “especialistas da mudança” criada em 2020 a fim de promover debates online entre artistas, ativistas, políticos e filósofos sobre as transformações provocadas pelo Covid-19. Segundo os criadores da plataforma, o evento global veio frear a velocidade das ações humanas no planeta e provocar uma noção de economia de fundo menos produtivista e mais voltado ao valor da vida; o que convoca a revisões no campo das artes. O primeiro episódio, aqui parcialmente transcrito, ocorreu em 16 de maio último, com o apoio do Wiener Festwochen, e trouxe em *live streaming* a ativista indígena Kay Sara, em vídeo pré-gravado enviado da Amazônia, o encenador suíço e diretor artístico da NTGent (na Bélgica) Milo Rau e a performer cubana Tania Bruguera, com mediação da curadora holandesa Lara Staal. O projeto de *live streaming* e o arquivo de vídeo ficaram a cargo da HowlRound TV/Theatre Commons, organização sem fins lucrativos voltada para a circulação de saberes nas áreas das artes performativas e da cultura, que trabalha com a intenção de romper o isolamento geográfico por meio de co-produções e suportes para conversações remotas.

**Palavras-chave:** Brasil. Bélgica. Cuba. Ameríndios. Teatro contemporâneo. Performance.

## Abstract |

The text is a translation of an excerpt of the transcription from Episode I: *This madness has to stop*, of the School of Resistance; a platform for dialogue between “experts on change” created in 2020 to promote online debates between artists, activists, politicians and philosophers about the transformations brought about by Covid-19. According to the creators, the global event came to slow down the speed of human actions on the planet and provoke a notion of economics with a less productive background and more focused on the value of life; which calls for revisions in the field of arts. The first episode took place on May 16, with the support of Wiener Festwochen, and brought in live streaming the Indigenous activist Kay Sara, in a pre-recorded video sent from the Amazon, the Swiss director and artistic director from NTGent (in Belgium) Milo Rau and Cuban performer Tania Bruguera, mediated by Dutch curator Lara Staal. The live streaming and the video archive project were carried out by HowlRound TV/ Theatre Commons, a non-profit organization dedicated to the circulation of knowledge in the areas of performing arts and culture, which works with the intention of breaking the geographical isolation through co-productions and supports for remote conversations.

**Keywords:** Brazil. Belgium. Cuba. Amerindians. Contemporary theater. Performance art.

Discurso de abertura do Wiener Festwochen, por Kay Sara. Seguindo de um debate com Tania Bruguera e Milo Rau, moderado por Lara Staal.

Tradução e notas de Lúcia R. V. Romano

*“O problema é que a realidade não é real. Quero dizer, não vi pessoas morrendo de Corona, não as vi nas ruas. Não vi a Amazônia queimando. Eu não vi, você compreende. Tudo isso está acontecendo, mas não é real. Então, esse é o trabalho da arte, não apenas da arte, é claro; mas meu, enquanto artista: traduzir isso em realidade.”*

(Milo Rau)

Link do vídeo: [School of Resistance - Episode One: This madness has to stop](#)

**Lara Staal:** Boa noite a todos, e bem vindos à abertura do Wiener Festwochen e ao primeiro episódio da “Escola de Resistência”. Meu nome é Lara Staal<sup>1</sup>. Sou curadora, escritora, criadora e pesquisadora. Estou mais do que feliz em entrar em debate com o artista Milo Rau e Tania Bruguera, a quem vou apresentar um pouco mais detalhadamente a seguir. Numa situação normal, a artista e ativista Kay Sara<sup>2</sup> teria aberto o Wiener Festwochen<sup>3</sup> hoje. Cerca de duas horas atrás, ela estaria no palco

---

1. Lara Staal é curadora, programadora e dramaturga. Tem formação em Pedagogia de Teatro pela ArtEZ (Arnhem) e Ciência e Dramaturgia em Teatro pela Universidade de Amsterdã. Foi curadora no Frascati Theatre (Amsterdam). É tutora na Academy of Theatre and Dance (Amsterdam University of Arts) e integrante do Het Transitiebureau, instituto holandês que propõe ações que visam dialogar teatro e sociedade.

2. “Kay Sara, artista indígena e ativista, cresceu no estado brasileiro do Amazonas e está envolvida com a representação adequada dos povos indígenas e com a preservação do meio ambiente contra a ameaça das empresas de mineração e do agronegócio. Ela desempenhará o papel de Antígone na produção de Milo Rau baseada em Sófocles, *Antígone na Amazônia*.” (SCHOOL OF RESISTANCE, 2020, p. 32, trad. nossa)

3. O Festival de Viena é um evento cultural internacional, que acontece em

do Burgtheater, em Viena. Mas, como sabemos, o Covid-19 mudou este cenário drasticamente, e, assim, nós a assistiremos e ouviremos pelo vídeo, que ela fez no norte do Brasil, onde está neste momento. Wiener Festwochen teria organizado também uma série de palestras refletindo sobre a herança do diretor teatral e cineasta Christoph Schlingensiefel<sup>4</sup>. E um desses bate-papos teria sido entre Tania Bruguera<sup>5</sup> e Milo Rau<sup>6</sup>, analisando o trabalho que ele fez há vinte anos, “Please Love Austria” (“Por favor, ame a Áustria”). E Tania e Milo teriam conversado sobre o conceito de integração e a ideia de ativismo<sup>7</sup>. Então, estamos muito felizes que eles estejam conosco hoje. E que possamos abrir o festival virtualmente. Que é ao mesmo tempo o lançamento de uma série de conversas online, com o título de “Escola de Resistência”. Uma iniciativa de Milo Rau e NTGent, o teatro da cidade de Gent, na Bélgica. A “Escola de Resistência” assume como seu início o mergulho abaixo de zero do antigo preço do petróleo, em razão da crise do Covid-19, em vinte de abril,

---

Viena (Áustria) desde 1951. De frequência anual, costuma ocorrer entre maio e junho. Interrompido em 2020 em virtude da pandemia, algumas das suas atividades foram reprogramadas para agosto e setembro deste mesmo ano.

4. Ator, artista plástico e diretor de cinema e teatro alemão, Christoph Maria Schlingensiefel faleceu em 2010, pouco antes de completar cinquenta anos. Seu trabalho, controverso e provocador, carregava forte conteúdo político e de confronto às forças hegemônicas. Criador do projeto *Casa de Espetáculos África* (Festspielhaus Afrika), escola em Burkina Faso (África).

5. “Tania Bruguera é uma artista performática e ativista cubana e usa seu trabalho artístico para examinar estruturas de poder político e seus efeitos sobre as pessoas mais vulneráveis da sociedade. Seu trabalho tem sido representado nas principais coleções do MoMA e Tate Modern, entre outros lugares.” (SCHOOL OF RESISTANCE, 2020, p. 32, trad. nossa).

6. “Milo Rau é diretor, autor e diretor artístico da NTGent (Bélgica). Desde 2002, ele criou e publicou mais de cinquenta peças de teatro, filmes, livros e intervenções políticas e foi recompensado com várias honras e prêmios, como o Prêmio Europeu de Teatro em 2018.” (SCHOOL OF RESISTANCE, 2020, p. 32, trad. nossa).

7. Entende-se integração na dimensão das ações de inclusão, propostas por meio de ações artísticas em que a linguagem opera para compor aspectos intelectuais, emocionais, físicos, criativos e de percepção do indivíduo, e onde um elemento central da prática criativa é a oportunidade de convivência e expressão da cidadania e da sociabilidade. Adiante neste texto, o assunto será retomado.

como um ponto de partida para refletir sobre os possíveis cenários a que esta corrente crise pode conduzir; e convidou especialistas em mudanças em todo o mundo, como políticos, ativistas, artistas e filósofos, para refletir juntos. Este projeto é financiado e apoiado pela NTGent, IIPM, Akademie der Künste Berlin, Kulturstiftung des Bundes, Medico International, e Merve Verlag. Em duas semanas, o próximo episódio terá lugar com a erudita, ativista ambiental e autora Vandana Shiva e a ativista pela justiça climática e fundadora da Youth For Future Africa, Vanessa Nakate. E sob o título “Tornando o Mundo Habitável”, falaremos sobre a situação na Índia e na África Central, do ponto de vista ambiental. Para todos que estão escutando, você pode mandar perguntas por e-mail para a SchoolofResistance, em NTGent.be. Ou, por comentários no *livestream* das páginas do NTGent Wiener Festwochen no Facebook, ou IIPM, ou no Twitter, postando a *hashtag* School of Resistance. Antes de apresentar nossos convidados melhor, gostaria de apresentar Kay Sara, já que iremos ouvir seu discurso daqui a pouco e ele será o ponto de entrada para o bate-papo com Milo e Tania. Kay Sara é uma artista indígena e ativista que cresceu no estado brasileiro do Amazonas e está comprometida com a representação adequada dos povos indígenas e com a preservação do seu meio ambiente contra a ameaça das companhias mineradoras e de agronegócios. Ela vai interpretar o papel de Antígona na produção de Milo Rau do texto de Sófocles, que tem o nome de *Antígona na Amazônia*. Então, tenho a honra de ir agora para o seu discurso.

*[Um discurso pré-gravado começa a ser exibido]*

**Kay Sara** *[falando em português]*: Esta loucura tem que acabar. Este discurso começa com muitos contextos. Eu deveria ter ido hoje ao palco do Burgtheater e ter aberto o Festival de Viena. Eu teria sido a primeira indígena a fazer um discurso neste teatro, que dizem ser o maior e mais rico teatro do mundo. Eu teria começado com uma citação de um clássico europeu, a peça *Antígona*, de Sófocles: - “Muitas coisas são monstros-

osas, mas nada é mais monstruoso do que o ser humano”. Eu teria vindo até vocês diretamente dos nossos ensaios na Amazônia; uma nova encenação europeia-brasileira da peça teatral *Antígona*. Eu teria feito o papel da Antígona, que se rebela contra o governo Creonte, que não quer permitir o enterro de seu irmão, por ser considerado um inimigo do Estado. O coro teria consistido de sobreviventes de um massacre de sem-terra pelo governo brasileiro. Teríamos realizado essa nova *Antígona* em uma estrada ocupada que atravessa a Amazônia; aquelas florestas que estão constantemente em chamas. Não teria sido uma peça, mas uma ação; não um ato de arte, mas um ato de resistência contra aquele poder estatal que está destruindo a Amazônia. Mas nada disso aconteceu; a estrada que corta a Floresta Amazônica não estava fechada, e eu não interpretei o papel da Antígona. Estamos todos espalhados pelo globo novamente, e só nos vemos nas telas, como agora. Meus amigos europeus me perguntaram como eu estou indo. Eu estou bem; estou na Amazônia, no norte do Brasil, nas margens do Oiapoque. A natureza me cerca; ela me protege e nos nutre também. Eu vivo no ritmo dos pássaros cantando e da chuva. E foi realizado em mim um ritual ancestral, para minha proteção, feito pela minha família. Pela primeira vez, em mais de quinhentos anos, a Europa e a América estão separadas novamente. Eu pertencço ao terceiro clã do povo Tariano, o Clã dos Trovões. Sou filha da espuma do sangue do deus Trovão. Diz o mito que nós, Tarianos, éramos gente pedra, mas nos tempos modernos, nós assumimos o corpo humano para poder nos comunicar com as pessoas que vinham até nós. Minha mãe, do povo Tukano, me deu o nome de Kay Sara, que significa aquela que cuida dos outros. No lado de meu pai, eu pertencço ao povo Tariano. Mas eu falo com vocês na minha língua materna; sou uma mistura de muitas coisas, como todo mundo. Sou Tariana e Tukana; mulher, atriz, artista; uma resistente. Falo com vocês sendo tudo isso. Nós, nativos, somos chamados de índios, mas eu insisto para que sejamos chamados de indígenas; porque índio é uma palavra ofensiva e pejorativa, que foi imposta a nós pelos invasores,

para dizer que nós éramos inferiores. Por isso, precisamos mudar essa realidade. Eu me tornei atriz para poder falar sobre nós, sobre a nossa existência. Há muito tempo a nossa história é contada pelas palavras dos não-indígenas. Agora é hora de contarmos a nossa própria história. Nosso infortúnio começou quando os espanhóis e portugueses chegaram à nossa terra. Primeiro vieram os soldados, depois os religiosos. Junto com os europeus, chegaram as doenças; milhares de povos morreram, e outros milhões morreram nas mãos dos soldados e do clero. Mas esse acontecimento foi esquecido e não está escrito em nenhum lugar. Assassinar em nome de um único Deus e de uma única civilização; em nome do progresso e do lucro. Alguns trabalharam para eles, mas esses negros e indígenas foram escravizados e assassinados. Hoje sobraram apenas poucos de nós; eu sou uma das últimas do povo Tariano do Terceiro Clã. E há poucas semanas chegou até nós mais uma doença, vinda do exterior, o novo Coronavírus. Já devem ter ouvido falar que em Manaus, a capital do estado do Amazonas, a doença está matando de uma forma particularmente terrível. Não há tempo para funerais adequados; as pessoas são enterradas em valas, que são cobertas por terra por tratores. Também (como em muitas partes do mundo) há corpos nas ruas, como o irmão de Antígona. Os brancos aproveitam agora o caos para penetrar ainda mais profundamente nas florestas. As florestas estão sendo queimadas; o desmatamento aumentou brutalmente. E quem está fazendo isso? Quem cai na mão dos madeireiros é assassinado. E o que o Presidente tem feito? O que ele sempre faz: apertar na mão de seus apoiadores e zombar dos mortos. Desde que o vírus surgiu, ele instruiu a sua equipe a ignorar os povos indígenas. Isso é um apelo para nos matar; ele quer finalizar esse genocídio que acontece há mais de quinhentos anos. Sei que vocês estão acostumados com relatos como estes. Quando já é tarde demais, aparecem os videntes; quando Cassandra e Tirésias aparecem nas tragédias gregas, você sabe que o desastre já tomou seu curso. Você gosta dos nossos cantos, mas não gosta do que falamos. E quando você nos escuta,

você não nos entende. O problema não é que você não sabe que nossas florestas estão queimando e que nosso povo está morrendo. O problema é que você já se acostumou a esses fatos, mas nós não. Então vou dizer o que todos vocês já sabem: há alguns anos, os afluentes do Amazonas secaram pela primeira vez em memórias vivas. Se não agirmos agora, o ecossistema da Amazônia entrará em colapso. O coração de nosso planeta vai acabar de bater; é o que dizem os nossos xamãs; é o que dizem os seus cientistas. Talvez seja a única coisa que concordem: nós desapareceremos se não agirmos. Não podemos ser egoístas o suficiente de negar à geração futura de desfrutar, de apreciar o que tem de mais belo, a natureza; e tudo o que ela libera para a nossa sobrevivência. Recebemos muitos abaixo-assinados por celebridades nas últimas semanas. Vocês querem voar menos, matar menos, roubar menos. Mas, como vocês podem acreditar que após mais de quinhentos anos de invasão, após milhares de anos de subjugação do mundo, pode vir um pensamento até vocês de que não trarão mais destruição. Se você ouvir a si mesmo, você encontrará apenas a sua consciência pesada. Quando vocês viajam pelo mundo, vocês encontrarão apenas a sujeira com a qual vocês nos contaminaram. Não podemos voltar atrás; mas não podemos mais deixar destruir. Eu não tenho medo por mim; eu tenho medo pelos nossos descendentes. Então, é hora de vocês ficarem em silêncio. Chegou a hora de ouvir. Vocês precisam de nós, os prisioneiros de seu mundo, para poderem se entender a si mesmos. Porque a coisa é tão simples: não há ganho nesse mundo, há apenas vida. E é por isso que é bom que hoje eu não esteja em um palco do Burgtheater, que eu não esteja agora falando com vocês como atriz. Porque não se trata mais de arte, não se trata de teatro; nossa tragédia acontece aqui e agora, no mundo todo, diante dos nossos olhos. Talvez seja isso o que mais me preocupa quando ouço Creonte falar. Quando ele sabe que está errado; ele sabe que o que ele está fazendo é errado, que é errado em todos os sentidos. Que isso trará sua queda, a queda da sua família, o Apocalipse e, ainda assim, ele o faz. Ele se critica,

ele se odeia, mas continua a fazer o que odeia. Esta loucura deve acabar. Parem de ser como Creonte; vamos ser como Antígona. Porque quando a ilegalidade se torna lei, a resistência se torna um dever. Vamos resistir juntos; vamos ser humanos, cada um à sua maneira e lugar. Unidos pelas nossas diferenças e pelo amor; pela vida que une a todos.

[O vídeo termina]

**Lara:** Bem vindos de volta. O discurso que vocês acabaram de ouvir, a carta de Kay Sara, estará também publicado hoje e amanhã em vários jornais pelo mundo; como no *De Standaard*, *Taz*, *Die Tageszeitung*, *Le Soir*, *Le Monde*, *Republica*, *De Morgen*, *NSA*, *The Stage*, e em várias plataformas no Brasil. Talvez, antes que comecemos a comentar o discurso, gostaria de apresentar nossos convidados um pouco mais extensamente. Infelizmente, Tania Bruguera ainda não está conosco, por causa de problemas técnicos. Não é fácil juntar-se a nós online de Cuba. Assim, esperamos que ela possa juntar-se a nós o mais rápido possível. Nós já vamos começar o bate-papo. Vou apresentá-la. Tania Bruguera é uma performer e ativista cubana. Ela tem se dedicado ao sentido do conceito de arte útil, e emprega seu trabalho para examinar as estruturas de poder político. Seu trabalho tem sido apresentado em vários lugares, entre outros o MoMA e a Tate Modern. Milo Rau é encenador, autor e diretor artístico do IIPM, que é o Instituto Internacional de Assassinato Político, e do NTGent, na Bélgica. Ele também é o deflagrador dessa série de conversas da “Escola de Resistência” (“School of Resistance”). Milo, normalmente eu teria começado pedindo a você e Tânia que dessem uma primeira resposta ao discurso como um todo; antes mesmo, digamos, de mergulhar um pouco mais fundo nas coisas que ela disse. Mas, como Tânia ainda não está conosco, talvez faça mais sentido que você nos dê um pouco mais de contexto; uma vez que, é claro, este não é um discurso inédito para você, e

vocês estiveram trabalhando juntos. Então, talvez, possa formular brevemente sobre o discurso, o que ele significa para você, e sobre o trabalho que vocês têm feito juntos.

**Milo Rau:** Bem, eu conheci Kay Sara, talvez, há meio ano agora, quando estávamos começando a trabalhar propriamente na *Antígona na Amazônia*, um tipo de adaptação atualizada da tragédia de Sófocles no norte do Brasil; onde, pode-se dizer, que o sistema capitalista está em choque com as culturas indígenas. E para mim era muito importante ter no papel de Antígona, que é um tipo de guerreira da resistência contra Creonte, como ela disse em sua fala, alguém que fosse uma ativista. Então eu a conheci assim. Nós estávamos começando a trabalhar em novembro junto com o Movimento Sem-Terra, um movimento social muito grande no Brasil: dois milhões de famílias ocupando terras, para dar terra ao povo. “Fora”, cortando-as das grandes monoculturas, e assim por diante. Então, é claro, um conflito com o Governo Bolsonaro. E nós queríamos, digamos, trazer tudo isso somado. A peça teria estreado há alguns meses atrás, ou há três semanas. Nós queríamos ocupar a rua, na barricada de transição entre zonas. O coro teria sido construído pelas pessoas do Movimento [dos Trabalhadores Rurais] Sem Terra e ela [Kay Sara] teria interpretado Antígona, mas tudo rolou diferentemente. Algumas semanas atrás, nós voltamos para a Europa. Ela foi para o seu povo no norte, no extremo norte do Brasil. E nós queríamos fazer uma abertura no Wiener Festwochen. E então, o que fizemos [no discurso], normalmente, escrevemos na forma de diálogo. Sempre quando estou fazendo peças, estou meio que ensaiando e, principalmente, escutando, de certo modo, e tentando avaliar como podemos encontrar um discurso que seja como que universal. Que possa expressar mais do que a situação em que nós estamos, talvez, a situação política. E eu pedi a ela que propusesse uma fala como esta, então nós enviamos [o texto] para lá e para cá, e esse foi o resultado. De fato, com a retradução, hoje eu descobri o que ela realmente disse no final. E, com um pouco mais ou pouco menos, o que está

nos jornais (e em diferentes jornais), eu diria, são versões diferentes do discurso, porque há diferentes perspectivas que se pode ter dele. Mas, principalmente, diria que ele é um alerta para despertar, para dizer que temos que agir agora, e que se não fizermos isso, vamos perder a Amazônia. Então, esta é meio que a mensagem do discurso como um todo: é um chamado à resistência.

**Lara:** Certo. Bem, talvez seja também algo para falarmos mais adiante. E é realmente uma pena que Tânia não esteja aqui, porque ela estava conosco pouco antes. Mas, parece que ela está realmente sem conexão. Não conseguimos sequer mandar uma mensagem, por hora. Então, vamos continuar nós dois. Se se trata de resistência, [Kay Sara] realmente nos pede para resistir. Ela diz em seu discurso: -"Porque quando a ilegalidade vira lei, a resistência torna-se um dever". Eu me pergunto: o que "resistência" significa para você; ou como você está dando forma à resistência através do seu trabalho?

**Milo:** Bem, acho que de maneiras muito diferentes. A citação que você fez é para mim uma citação muito importante. Que eu penso que resistência é lei; está baseada na lei, e está baseada na justiça. Mas, por vezes, a justiça e a lei não são o mesmo, sabe, na sociedade moderna. Por exemplo, para tomar outro projeto: fizemos esta nova versão do Evangelho, junto com refugiados e imigrantes no sul da Itália<sup>8</sup>. Há, é claro, leis para regularizá-los etc., mas essas leis não são adotadas. Elas estão existindo; do mesmo modo que existe uma lei agrícola no Brasil para dar terra às pessoas, mas que não é adotada por causa do agronegócio. E é por isso que movimentos como o Movimento dos [Trabalhadores Rurais] Sem Terra querem fazer valer a lei. Então, eles não são criminosos. É o governo que é criminoso. Eu acho que é uma perspectiva bem interessante que se pode ter sobre a ação civil. Que diz, como Jesus diz no Novo Testamento:

---

8. Trata-se do projeto de cinema *The New Gospel* (2019), dirigido por Milo Rau, em que Jesus é interpretado pelo ativista ligado aos movimentos negros Yvan Sagnet.

“Você veio para implantar a lei, e você não infringe a lei”. Acho que é bem diferente do conceito burguês, do tipo, a resistência é criminosa etc., etc., etc. Eu discordo. Eu acho que as leis econômicas sob as quais vivemos, por vezes, nem sempre, são criminosas. E claro, há uma variedade de formas de fazer [justiça]. Você pode abrir espaços (como talvez [ocorra] quando Tânia se juntar), você pode dar espaço a vozes, a conhecimentos que, simplesmente, não são admitidos em nossa mídia. Por exemplo, publicar o discurso é importante, exatamente, porque acho que a maior parte das pessoas simplesmente não sabem o que acontece no norte do Brasil. Eu me lembro das discussões que tivemos para preparar [isso] aqui. É também uma ideia da “Escola de Resistência”, reunir vozes que não conhecemos. E então, você descobre outras perspectivas sobre, por exemplo, a crise do Corona, que você nunca teria pensado antes. Acho que o próximo passo, claro, é ação direta. É ocupar, ou produzir novos mitos. Por exemplo, uma Antígone indígena, ou uma ativista indígena no palco do Burgtheater. Então, é meio que outra maneira que podemos fazer enquanto artistas. Mas vejo que a Tânia agora está finalmente se juntando a nós.

**Lara:** Sim, isso é ótimo. Tania, pode nos ouvir?

**Tania Bruguera:** Sim.

**Lara:** OK, também podemos ouvir você, que ótimo. Estou tão feliz que você possa juntar-se a nós. Eu já apresentei você. Já apresentei esse bate-papo e fiz a primeira pergunta a Milo, que foi sobre uma primeira reação ao discurso. Então, isso seria também o que gostaria de perguntar a você. O que você pensou quando escutou a fala? E nós estávamos conversando especificamente sobre o momento em que [Kay Sara] diz que quando a ilegalidade vira lei, a resistência torna-se um dever. Pensando no que significa resistência nos trabalhos de ambos.

**Tania:** Certo, deixa perguntar uma coisa. Um segundo. Oi?

**Milo:** Oi, estamos ouvindo você.

**Tania:** Sim, oi. Estamos testando, ou estamos ao vivo?

**Lara:** Estamos ao vivo.

**Milo:** É, estamos ao vivo. Estávamos esperando por você.

**Tania:** Um segundo, porque eu tinha marcado para a uma hora. Um segundo, um segundo. [Tânia fala fora da câmera]

**Milo:** Foi realmente difícil trazê-la. Tentamos com o Zoom, tentamos com outro programa.

**Tania:** Desculpe-me, voltei. Pode falar de novo?

**Lara:** Sem problemas. Bem, nós já começamos, e eu já introduzi o bate-papo e já apresentei vocês dois. E perguntei sobre uma impressão geral a respeito do discurso de Kay Sara, que nós acabamos de ouvir. Então, eu gostaria de ouvir suas reflexões. E, especificamente, nós também estávamos analisando o momento em que ela fala sobre quando a ilegalidade vira lei, a resistência torna-se um dever. Eu também gostaria de ouvir (o que Milo também já respondeu) sobre o que resistência significa para você em seu trabalho.

**Tania:** Bem, resistência para mim é entender a dor. Porque é muito difícil, você perde muito. Quando você resiste, perde muito. Mas a dor que a injustiça... quer dizer, eu sempre digo que a injustiça é uma percepção que você tem em seu corpo. Sabe, é algo real e não completamente, digamos, teórico. É algo que você sente com seu corpo. E já sabemos que muitas leis são feitas não para criar justiça ou equilíbrio, mas são criadas precisamente para proteger um grupo de pessoas na sociedade.

**Milo:** Ilegalidade, sim.

**Tania:** E é aí que a ilegalidade entra, porque a lei deveria ser para todo mundo, não para um grupo de pessoas.

**Lara:** Mm-hm.

**Tania:** Claro, com certeza, sim.

**Tania:** Mas isso é doloroso; a resistência é dolorosa porque os tempos da política são muito longos, e os da vida são muito curtos. E, muitas vezes, você resiste e sente que nada foi feito. E você tem que continuar. Portanto, é um exercício muito específico que se deve fazer como ativista. Você entende? Mesmo que não veja nada mudando, precisa continuar.

**Lara:** Obrigado por [comentar] isso. Acho que seria interessante ouvir mais sobre como você, por exemplo, no seu trabalho, tenta aplicar ou violar a lei e garantir que ela seja um princípio mais igualitário, ou que se torne algo que possa proteger, digamos, a todos, em vez de um só grupo de pessoas. Mas, talvez, antes que nós entremos mais no assunto, seria interessante ouvir um pouco mais sobre o nosso contexto. Porque, você deve saber, a “Escola de Resistência” nasce num momento de crise, que é a crise do Covid-19. Acho que nós tendemos a dizer que estamos juntas e juntos; mas acho que não é esse o caso e que há algumas diferenças. Seria interessante ouvir um pouco de vocês como é essa crise em Cuba, na Alemanha, na Bélgica, e qual é a situação.

**Tania:** Eu acho que estamos tendo uma dupla crise. Porque estamos na crise do totalitarismo, que já vivíamos antes do Covid, e estamos na crise dessa enorme pandemia. Você sabe, uma pandemia global. E sim, ambos estão relacionados, porque essa pandemia pode ser (eu vejo isso como) uma maneira de redefinir tudo. É uma maneira de não esperar mais para fazer certas coisas. E decidir não esperar e justamente tentar mudar as coisas que não funcionam. E também sinto que temos trabalhado por muito tempo com um conjunto de paradigmas éticos que não estavam funcionando para a maioria das pessoas. Eles eram abusivos, na verdade. Eles estavam simulando ser paradigmas éticos e na verdade eram antiéticos. Aqui [em Cuba], acho que está tudo bem na maneira como eles controlaram o vírus. Porque eles têm um enorme controle sobre a população

e, portanto, as pessoas que têm mais... Quanto mais controle o governo tem sobre a população, melhor é a resposta em muitos lugares. Porque eles sabem exatamente onde todos moram, com quem se conectam etc. Então, nesse sentido, foi bom, porque eles imediatamente encontraram as pessoas, e é bastante controlável. O problema é que tínhamos essa nova lei, [no.] 370, que não é nova, é de alguns anos atrás. Mas eles a estão usando agora; sempre que você coloca algo na internet que eles não gostam, que o governo não gosta, então eles vão contra você. Para aplicar uma multa super alta, que é praticamente impossível de pagar para a maioria das pessoas, ou até mesmo para prender. E essa é uma tensão interessante, porque também estamos vivendo um momento em que os governos querem mostrar sua melhor imagem, sabe. Exceto Trump, que está fora deste mundo e não se importa com nada. Mas a maioria dos governos quer mostrar o quão bons eles eram e como foram eficientes. E qualquer coisa que vá contra isso, é punida aqui. Então, é uma tensão interessante que temos porque, através do Facebook e da Internet, as pessoas têm sido cada vez mais abertas sobre sua realidade, sabe. E isso não coincide com a propaganda, basicamente. Então, as pessoas estão pressionando o governo a dizer coisas na TV, e coisas assim, que antes nunca aconteceram. Então, isso é interessante.

**Lara:** Então, de certa forma, você está dizendo que durante essa crise, porque o mundo digital tornou-se muito mais dominante, de uma maneira [se fortaleceu] o debate público. É interessante, porque acho que do ponto de vista da Europa, é o contrário. Como eu sinto, muitos debates não estão acontecendo, porque estamos confinados em nossas casas. No seu caso, é o contrário, de certa forma: algum tipo de publicização da discussão pública foi possível devido, na verdade, ao domínio do uso digital. Mas, ao mesmo tempo, você também está deixando claro que esta é uma situação bastante vulnerável.

**Tania:** Isso, perfeito.

**Lara:** Milo, você poderia compartilhar um pouco? Como você tem visto o que está acontecendo na Alemanha, Bélgica e Europa, no que diz respeito à crise?

**Milo:** Sim, é bem interessante o que Tania está dizendo, porque o que a crise está fazendo nesse primeiro momento é bem uma parada de toda a máquina e uma evidente abertura da situação histórica. E você tem a impressão de que tudo pode mudar. Por exemplo, foi interessante ver como a ação coletiva e o que se sabe, portanto, o conhecimento dos cientistas, como eles podem ser imediatamente relacionados. O quão disciplinada a sociedade civil pode ser e como podemos atuar coletivamente. Se é uma ação boa ou não... mas só esta relação para mim foi uma sociologia extremamente interessante. Por outro lado, penso que com a crise - e claro que nós não estamos vivendo num sistema totalitário como o de Tânia - vê-se que a normalidade torna-se ainda mais normal e todo o sistema tenta se estabelecer e voltar para onde estava antes. Ainda mais normalizado do que antes. E acho que este é o momento em que estamos agora. Quando voltarmos à normalidade e todos entenderem... uau! O neoliberalismo será ainda mais forte. Deixamos algumas pessoas para trás. Será uma luta ainda maior de todos contra todos. Então, realmente entende-se que, se você não mudar o sistema - por exemplo, apenas no setor cultural, se não houver uma separação entre capital e arte, por uma renda básica, por exemplo -, isso simplesmente prosseguirá. Temos que voltar às formas de produção como eram antes, porque trabalho, arte e capital estão ligados. Então, ou entendemos que sistematicamente mudamos agora, ou será tarde demais. Porque [para ] a máquina, chegamos mais tarde ainda, porque temos que correr atrás do que perdemos no último mês, compreende. Como diretor de teatro, vejo como agora tentamos fazer ainda mais projetos. Essa foi a primeira motivação; faça ainda mais na temporada, porque você agora tem que refletir tudo isso.

Porque todo mundo que depende de você, da instituição, precisa disso. E, então, você está meio que preso em todo o sistema. E isso é realmente meio “como podemos acordar desse sonho”? E todo mundo assume sua posição. Por exemplo, foi tão interessante ver os intelectuais, enquanto [Kay Sara] dizia que “agora você deve calar a boca e ouvir”. O que a Europa estava fazendo, dando a interpretação (ou, digamos, o norte) de tudo, antes mesmo de acontecer. Slavoj Žižek produziu seu livro acho que antes mesmo do Covid-19 aparecer. O livro estava pronto. Então, antes de todo o sonho, a noite acabou. A análise do sonho e o que devemos pensar sobre e o que faremos ao acordar já estavam feitos. E, às vezes, penso: apenas recoste-se um pouco; pense sobre isso e ouça, por exemplo, Tania ou Kay Sara, para entender o que está acontecendo globalmente.

**Tania:** Também tem essa ansiedade, como você aponta, não é? A ansiedade de estar presente. Acho que o capitalismo traz essa ansiedade do fazer, fazer, fazer, ser, ser ser; ser presente o tempo todo. Esse “agora”; ao invés de pessoas, há dois meses, sobrevivendo completamente desconectadas do mundo. Esta [conversa] é a primeira coisa que eu faço online. Por que eu estava gostando... eu estava gostando de estar sozinha com meus pensamentos, com meu amigo. Recuperando o mundo emocional que nós estávamos perdendo. Porque o capitalismo é tão veloz, tão brutal, que se está perdendo a humanidade dele, sabe. E foi lindo envolver-se de novo com seus planos, com sua família, entende o que quero dizer? E, infelizmente, o problema é que, quando estamos em crise, todos reagem e fazem a coisa certa. Tão logo a crise termina, infelizmente, acontece que as pessoas esquecem que estivemos em crise e, então, voltam para o mesmo antigo, o mesmo velho. Exploração, abuso, sabe; falsidade. Então, esse é o problema. Eu não estou entusiasmada. Como se estivesse falando com um amigo, que dissesse, “ó, depois disso, as pessoas vão mudar”; eu não tenho tanta certeza. Porque as pessoas esquecem, sabe.

**Milo:** É interessante o que você diz, porque é um tipo de sensação que foi a minha também. É um tipo de desintegração. Você tem a impressão que não está mais conectado a ninguém. E, por exemplo, esse mito... é uma realidade dos povos não contatados da Amazônia. E eles não querem ser contatados, porque nem sabem que há algo lá fora. E ainda existem lugares no mundo que realmente funcionam como uma espécie de confinamento, um confinamento eterno. E você não deve acabar com isso, sabe. Não seja contatado. Não esteja presente. E como você diz, se esquece isso tão rápido, como é. Por exemplo, faça planos, ou escreva as peças que você talvez nunca encene. Mas você faz isso apenas como... pela escrita, pela diversão.

**Tania:** Isso, isso. Eu acho que as pessoas perderam o prazer de viver. Sabe, antes disso, perderam o prazer. E isso é meio que dar a você... um “ok, vá e veja os detalhes das pequenas coisas”. E também, de alguma forma, nesse tipo de “coisa global”, é algo como todo mundo deve ter as mesmas regras; deve querer as mesmas roupas; deve ter o mesmo objetivo na vida. Mas não - como você diz -, há outras pessoas que seguem outras regras. E isso é fantástico. Espero que tenhamos mais disso depois [da crise]. Mas eu penso que o problema é estrutural. Estou satisfeita de falarmos da perda, porque acho que é uma coisa estrutural. Precisamos fazer uma mudança estrutural no mundo. Não podemos mais reclamar. Quer dizer, estou cansada de reclamar. Acho que precisamos construir, e como digo sempre, fazendo arte para o “ainda não”. Ou seja, fazer arte para a sociedade que você deseja, não para a que você tem. Já começar a se comportar para os momentos e para a sociedade e a ética em que você quer viver. Porque você pode não transformar o mundo todo, isso é impossível; mas ao menos pode mudar a maneira como está interagindo com esse mundo. Então, eu não quero mais trabalhar. Acho que precisamos começar a nos comportar como queremos que todos se comportem.

**Lara:** Eu estou mesmo pronta para isso, Tania. E acho que seria muito bom seguir por essa linha de reflexão. Mas, talvez, antes de adentrarmos nisso, vamos agir de acordo com o “ainda não”, nas condições que gostaríamos de ter ou ver no mundo. Acho que o que ambos estão descrevendo é esta coisa meio de um modo de desfrutar ou reconectar-se com o “ser local”, digamos. E talvez, também, parar de ser visível, se fazendo conhecido, portando essa imagem de sucesso, fazendo parte dessa máquina de produção. Mas, de certo modo, reduziu-se a velocidade. Isto é algo a que aderimos. E ao mesmo tempo, ouço os dois dizendo: - “Bem, não há assim tanto tempo para esperar, nós deveríamos agir agora”. E acho que esse é um conflito que escuto em muitas pessoas; e me pergunto como ambos estão lidando com isso. Podemos diminuir a velocidade, ou isso é de fato muito arriscado, porque o sistema, talvez, não diminua e esteja pronto para emergir, sempre que possa?

**Milo:** Sim; uma resposta possível é que existem duas linhas. Quero dizer, claro que existe a linha estrutural. Que existe um sistema, novamente operando no futuro, e você não pode simplesmente desacelerar, porque fica para trás. E é isso que está acontecendo agora, nesse exato momento. Então você não pode desacelerar isso, e acho que realmente trabalhamos estruturalmente nas instituições. É por isso que acho importante invadir as instituições e mudar as instituições para, talvez, criar novas instituições, instituições simbólicas do futuro. Então você diria: -”tá legal, vamos criar uma instituição em que possamos trabalhar, e com elas mudar todo o sistema do modo que queremos trabalhar, para criar o futuro que nós queremos ter”. Como nós podemos usar, por exemplo, um teatro municipal, ou apenas um pequeno projeto, de forma que façam sentido enquanto um estabelecimento de mudança. É por isso que tentamos trabalhar de maneiras que parecem ser muito difíceis. E eu aprendo; tenho a impressão que aprendi muito sobre conexão nas últimas semanas, por exemplo, globalmente. Eu voltei aos livros que tinha. Talvez, eu fosse muito diferente da Tânia. Eu participei de muitas,

muitas transmissões ao vivo e de debates. E eu fiquei extremamente feliz, por exemplo, em ver o quão desimportante é a imagem que se tem. Porque nós temos agora três imagens de merda. Estamos conversando juntos. Estamos em diferentes lugares do mundo. Está tudo misturado em Nova Iorque, para ser encenado em Viena. Então Kay Sara envia para nós um vídeo que ela fez de algum modo com seu iPhone essa manhã, e nós meio que legendamos ele. E não é como a coisa toda no Burgtheater e as 1.000 pessoas e ela chega de avião e faz isso etc. Não, é um jeito diferente de trabalhar junto. E acho que é realmente, realmente muito importante descobrir isso; mas, por outro lado, acabar com isso. Para mim, para finalizar, há uma enorme mudança estrutural que tem que ser feita. E sempre retorna à renda básica, desde que dependamos de produzir, apresentar, mostrar, estar presente. E se não estivermos, perderemos tudo, não podemos pagar nossas contas. Então, como podemos nos desconectar se não criarmos um sistema paralelo, no qual possamos produzir de outra maneira.

**Tania:** De certo! Quero dizer, concordo totalmente com você que há aspectos diferentes. Um são as leis, porque precisamos que as mudanças ocorram por um longo tempo. O segundo, são as instituições, porque essas são as pessoas que implementam a cultura da lei; de como interagimos uns com os outros, ou como podemos propor uma alternativa. Mas, então, temos que também criar uma educação. Como uma educação emocional, ética e física para as pessoas. Porque as pessoas também fazem parte disso. Quero dizer, as leis e o sistema não são algo estranho. São parte do que vivemos e que mudou todos nós, sabe. Eles colocaram essa ansiedade em nós. Colocaram esses desejos em nós, que não são interessantes nem importantes. Então acho que também precisamos criar um processo de longo prazo, onde possamos lidar também com a cultura emocional. E outra coisa que você estava falando... é interessante, porque agora estamos “fazendo” todo esse imediatismo, que eu acho que é uma maneira interessante de substituir o toque. A intermediação

substituiu tocar alguém, né, de certa forma. Mas, ao mesmo tempo, me pergunto se poderíamos desacelerar. Mas não diminuir no sentido... Mas apenas para garantir que você gaste o tempo necessário. A outra coisa que me deixa nervosa é que, antes, vivíamos nesse tipo de mundo em que as celebridades e tudo isso estavam substituindo a arte. As pessoas queriam ser famosas e não fazer uma obra de arte que durasse trezentos anos. Você sabe o que quero dizer? Em termos do que eles queriam ser. Então, acho que isso é interessante; é o que estou dizendo sobre o lento também. Porque também estou me perguntando sobre a qualidade, no futuro da arte, se continuarmos com este rápido. Como quando você lê Goethe: tem algo que foi dito, não sei, centenas de anos antes, mas você ainda sente isso. Como podemos manter isso, o sentido da arte e o sentido de justiça, além do imediatismo? Eu não sei. Não tenho nenhuma resposta. Estou apenas fazendo [a vocês] essa pergunta, que estou fazendo para mim mesma agora. Porque se você tem sete Zooms por semana, ou o que for, como manter a estimulação e também a profundidade? Porque há um equilíbrio entre ser estimulado e também ter profundidade em seus pensamentos, não é? E também tempo para implementar. Você falava de produção. Eu gosto de usar a palavra implementação, na verdade. Porque quando eu a uso, pode ser de uma maneira diferente do que vocês usam “produção” no teatro; mas, nas artes visuais, produção tem mais a ver com fazer as coisas acontecerem, sabe. Enquanto que para mim a implementação é um processo em que se traz as pessoas para quem o trabalho é [destinado], [ela] faz parte do processo de criação de algo. E acho que isso também é, para mim, parte do que gostaria de ver após esse período do Covid, sabe. Que as pessoas também sejam consideradas de um outro jeito. Não apenas como espectadores ou participantes, mas também como implementadores. As pessoas que irão implementar algo em seus espaços, em suas vidas. E também... não sei...

**Lara:** Sim, isso é interessante..

**Tania:** Me diga o que acha.

**Lara:** Você vinha falando antes, Tania, também em entrevistas, eu ouvi você dizendo isso também ao início, sobre a importância das emoções ou a importância da ética e que somos seres emocionais. Acho que vocês dois, você e Milo, são artistas que trabalham muito com isso. E tentam, digamos, ir além de um trabalho muito experimental que seja apenas para um grupo de iniciados, ou muito intelectual. Mas o que vocês estão procurando (e que a arte pode ser, essa talvez também seja uma questão) é realmente um caminho para uma linguagem que poderia, potencialmente, alcançar muito mais pessoas.

**Tania:** Certamente. Eu tenho um conceito que uso para o meu trabalho. Às vezes, tenho que criar conceitos, porque não sinto que possa me explicar bem, então uso isso como um dispositivo. E o conceito é em espanhol, porque às vezes o espanhol é melhor que o inglês, é mais rico. É a palavra para estética. Em espanhol, se você dividir a palavra em duas, fica E-S-T, que em latim pode significar o verbo “ser”, e E-T-I-C-A, “ética”, que eu amo. Porque, para mim, a ideia de estética como valorização e desenvolvimento da transformação pela ética é fascinante. E é algo que me interessa muito. Não ver apenas a estética como fazer melhor alguma coisa, formalmente etc.; mas também como, por meio desse experimento, desse momento emocional e tudo o mais, gerar uma nova realidade ética, um novo paradigma ético. E essa é a beleza disso.

**Lara:** Então, estética e ética realmente se tornam, de certa forma, os dois lados da mesma moeda, certo? E estão sempre em relação um ao outro. Na verdade, eu queria pular para algo que Kay Sara disse; mas agora que estamos aqui, talvez seja interessante ouvir sua resposta sobre o trabalho de Schlingensief.

**Tania:** Sim.

**Milo:** Posso interromper só um segundo? Porque vejo que as pessoas estão perguntando por que Kay Sara não está aqui, como parte das discussões algumas vezes. Acho interessante esclarecer que isso é impossível, porque... ela nos mandou este vídeo. Leva oito horas apenas para mandar pelo computador um vídeo de dez minutos. Ela está no meio da floresta Amazônica, e realmente foi um tipo de loucura apenas fazer esse discurso ser filmado e enviado para nós. Então, é completamente impossível que ela esteja conosco. Espero que logo ela poderá.

**Lara:** Sim, obrigado por dizer isso, Milo. É verdade; eu não vi isso no chat imediatamente. Ou não entendi que essa era realmente uma pergunta já vinda da plateia. E é uma pergunta muito compreensível, porque de fato é uma das vozes que realmente gostaríamos de ouvir mais. Mas acho que você contextualizou muito bem o porquê. E acho que uma das perguntas que também gostaria de fazer para vocês dois, que tem a ver com essa possibilidade de colaboração internacional (ao mesmo tempo, hoje mais constrangida, claro). Portanto, a troca internacional está sob ataque, pode-se dizer. Não foi no caso do capital, não foi no de produtos. Está sendo, agora, [para] a troca [entre] pessoas; o que sempre tem sido para algumas pessoas e não para outras. E a questão é, claro, para que tipo de futuro iremos, se chegarmos a esse ponto. E parece-me, não sei, que Milo soou bastante positivo. Você disse: - “Eu gosto dessa ideia de estar conectado com todas essas pessoas diferentes de maneiras diversas. O que parece é que você está abraçando esse domínio digital como algo que pode ser contínuo. Considerando, é claro, que também poderíamos ter perguntas ou dúvidas sobre isso.

**Milo:** Sim. Você sabe, teatro é um trabalho extremamente prático. É um trabalho coletivo. Você tem que... na verdade, você meio que vive junto. Por semanas e meses. E é assim que uma peça é construída. Não é que alguém “tenha” uma ideia ou um texto. Você pode fazer teatro assim, mas eu não faço; ele é algo que “vai” se desenvolvendo. E até, talvez, tenha

que adicionar um instante um pouco pessimista. Para mim, foi muito difícil e até um pouco decepcionante fazer o discurso junto com Kay Sara dessa forma. Você envia uma coisa, alguém manda de volta; isso leva seis horas, leva oito horas. Então vocês se encontram no chat, você pode conversar por três minutos e acabou. Você não alcança o outro mais. Existem mal-entendidos; mas o que eu descobri (e foi bastante interessante), ao mandar esses textos para a Amazônia e de volta para cá e verificando juntos, [foi que] houve enormes mal-entendidos. Nós não estávamos nos entendendo, e então começamos a ouvir, tentando entender, a fazer uma leitura. Talvez tenha sido como perdidos na tradução. E esse foi um processo muito interessante, estarmos desconectados. Então, para mim é um ponto interessante, mas é um coisa pequena. A outra coisa é que agora é a primeira vez que encontro Tânia...

**Tania:** É verdade.

**Milo:** ...na vida; mas nós meio que pensamos muito um sobre o trabalho do outro etc. E quero dizer, até o discurso teve o título de “Contra a integração” (e Tânia estava preparando sua Escola de Integração)<sup>9</sup>. Então, estávamos no mesmo tema, mas nós nunca nos encontramos, porque - na verdade - essa possibilidade de estarmos conectados assim, de ter uma “Escola de Resistência”, um debate como este, não era nem mesmo para mim. Eu não fazia isso. Eu posso ir para Viena e lá podemos nos encontrar. E, então, estávamos planejando fazer algo como a “Escola de Resistência” no próximo ano; estávamos trazendo várias pessoas, e descobrimos que isso [aqui] é mais rápido, é mais simples, mais conveniente, meio que mais... não sei. Há mais resultados se fizermos desse jeito. Então, é meio que -

---

9. Para o mesmo Wiener Festwochen de 2020, a performer cubana foi chamada a propor e coordenar a “Escola de Integração” (“School of Integration”), onde ocorreriam mais de sessenta aulas, com mediação e exposição das comunidades de imigrantes de Viena. A “School of Integration”, apresentaria aos vienenses outros lugares e outras visões de mundo. Ainda que envolvida com o projeto, no entanto, Bruguera questiona adiante na entrevista o sentido da palavra “integração”, na perspectiva crítica do ativismo.

**Lara:** Ecológico, Milo, isso é bem importante aqui. Acho que você deveria ter mencionado em primeiro lugar. É mais ecológico.

**Milo:** Claro, é muito mais. Sim, é mais ecológico, claro.

**Tania:** Mas!

**Milo:** O problema, hoje, é que um teatro é uma arte de presença. Então, precisamos nos encontrar uma vez, novamente, eu e Kay Sara, ou não haverá *Antígona na Amazônia*. E ela tem que estar no palco; e nós temos que estar no mesmo espaço de alguma forma, sabe.

**Lara:** Tania?

**Tania:** Eu acho que não... sou muito... é muito.... Isso meio que cai bem nos meus planos, porque eu estava super cansada de viajar e, na verdade, tinha decidido, antes desse festival em Viena, não viajar por seis meses, porque eu estava, realmente... acho que não foi saudável para mim. Este “um dia aqui, um dia acolá”. O que você está dando para as pessoas? Ou: qual é a qualidade de energia que você está dando para as pessoas? Mas, ao mesmo tempo, acho que este é um instrumento muito bom, ajuda muito, e mais pessoas podem ser... hoje em dia, muitas pessoas podem ver o que está acontecendo, é fantástico. Mas tenho que dizer que, quando estive em eventos, os momentos mais produtivos para mim são quando você pode estar sentado... você, Milo, eu... e tomando uma cerveja. Onde não há pressão para ser inteligente, preciso ou agradável, ou o que for. E, de repente, você começa a falar o que quer que seja e alguma coisa incrível surge. Temos que ver como podemos fazer isso nesse formato também. Porque esse formato é muito efetivo, é realmente bom em muitos níveis; é ecológico; é mais saudável para as pessoas estarem em suas casas. Porém, seria legal criar um jeito em que possamos estar relaxados e este tipo de acidentes, ou prazeres, aconteçam entre as pessoas. Porque todas as vezes que eu tenho um desses, é muito... como um encontro, sabe?

**Lara:** Não... e acho que isso se conecta novamente a essa idéia de desacelerar, no sentido de criar condições em que possa acontecer algo que ainda não podíamos prever. Ao passo que aqui estamos todos apresentando agora, e queremos ir direto ao ponto. E sabemos que temos ouvintes etc. Considerando que, às vezes, talvez as novas idéias, ou a alternativa, ou o que não foi articulado, ainda possa surgir, apenas dessa maneira mais lenta de estarmos juntos. E por isso acho que uma das minhas grandes perguntas é como essa desaceleração pode ser suficientemente forte, contra um sistema que não desacelera, pelo contrário. Estou um pouco em conflito, porque há uma pergunta da plateia que é muito interessante, mas bastante específica. Ainda estávamos conversando sobre ética e estética e eu queria fazer uma ponte para Schlingensief. E, também, essa pergunta sobre por que Kay Sara não faz parte dessa discussão permaneceu um pouco comigo. E me pergunto (também para os ouvintes): e, talvez, se começarmos com isso? Quero dizer, há uma clara demanda de Kay Sara e seu discurso para pararmos de falar e ouvir. Ela realmente nos pede para ouvir. E ainda estamos aqui, conversando! Acho que vocês também são vistos como artistas políticos muito importantes desses tempos. Vocês recebem muitos convites. Tania estava compartilhando o quanto ela está viajando; sei um pouco o quanto Milo está viajando, também. E, talvez, isso também se conecte um pouco à pergunta em aberto, que irei compartilhar com vocês, como usar esse poder, ou essas plataformas de fala, para de fato ouvir, de alguma maneira? Ou, talvez, para ampliar vozes de outras pessoas?

**Milo:** Talvez [isso seja] um pouco como experiências paralelas entre Tania e mim. Como diretor, é claro que você é alguém, como diretor de teatro, especialmente, alguém que constrói plataformas onde as coisas podem acontecer e histórias são contadas. Por exemplo, nunca escrevi um livro sobre mim, porque falo com outras pessoas através de projetos. E através de espaços simbólicos, instituições; que podem ser peças de teatro, uma adaptação, um ato de tribunal; podem fazer parte de um filme

bíblico, pode ser esse tipo de “Escola de Resistência”. Este é o primeiro, digamos, capítulo, e ao mesmo tempo a abertura do Wiener Festwochen. Mas nas sessões posteriores não estarei presente. Talvez eu medie uma das sessões, ou mesmo não. Porque acho importante convidar perspectivas que não estão presentes o tempo todo nesse tipo de discussão. E acho que todo mundo que está conectado aqui, normalmente, sabe mais ou menos o que estou dizendo. Então, acho que esse é um papel. É claro que precisamos ser um tipo de orador, ou alguém que possa construir plataformas, especialmente nesse período. [Porém], quando eu li isso, “você deveria calar a boca e ouvir” e, ao mesmo tempo, eu tinha o livro de Slavoj Žižek na mão.... Eu estava pensando que estamos conversando o tempo todo, explicando o tempo todo. É demais. É muito. É hora de esperar e ver o que acontece e tentar conectar. Eu acho que é o que devo fazer agora, conectar conhecimentos. Conectar formas de prática. Encontrar espaços onde se possa fazer isso. Porque o problema do teatro é que, eu não sei... chamamos de coletivo quando as pessoas que se conheceram na escola, na escola de arte, estão fazendo sua peças juntas. Chamamos isso de coletivo. Mas isso não é um coletivo. É apenas uma repetição do mesmo, sabe. E acho que temos que encontrar lugares onde juntar pessoas que nunca pensariam juntas. E, depois, há mais do que ouvir e falar, há um diálogo. E desse diálogo surge algo que ninguém sabia antes. E este é o meu sonho da arte do agora e do futuro.

**Tania:** Isso é muito legal. Bem, acho que no meu caso, do jeito que faço, estou muito ciente das dinâmicas do poder quando existem e o que estou tentando fazer com o meu trabalho é abrir espaços. Você sabe, como vocês dois. Ir a um lugar, tentando abrir espaços, forçando limites. Significando que eu corro o risco. E então, assim que essas fronteiras forem ultrapassadas e os espaços abertos, convido outros a vir. Porque, no meu caso, que trabalho com imigrantes, populações vulneráveis ou ativistas, em Cuba, que talvez não sejam tão conhecidos; eu acho importante que pessoas como nós, que têm algum poder ou alguma visibilidade, corram

o risco. O risco pessoal, o risco humano, o risco corporal, todo o risco, o risco político. Mas não porque somos nós quem falamos pelos outros. É porque somos nós que, mesmo se perdemos poder, se perdemos privilégios, ainda teremos algum. Para que possamos realmente distribuí-lo, para que as coisas aconteçam. Mas, assim que tivermos feito isso, precisamos nos retirar. Isto é o que eu faço. Assim que termino, retiro-me e deixo outras pessoas entrarem. Porque acho que o que podemos fazer como artistas políticos não é apenas reflexões públicas, [nem] instigar com o nosso trabalho as pessoas a protestar ou o que quer que seja. Mas também criar, como você diz, uma plataforma na qual outras pessoas possam se posicionar. E não por sua causa, apenas por causa delas, porque elas têm a necessidade e o direito de fazê-lo. Então, nesse caso, penso que é por isso que trabalho tanto com instituições que crio, porque é uma estrutura que as pessoas entendem. Sabe, quando você trabalha com uma instituição que você cria, mesmo que seja falsa ou temporária, as pessoas entendem que é uma plataforma.<sup>10</sup>

[...]

---

10. O texto da conversa transcrita entre Milo Rau, Tania Bruguera e Laura Staal continua por algumas páginas. O trecho transcrito e traduzido aqui interrompe-se, propositalmente, no eco do questionamento de Laura Staal, que identificamos como sendo também nosso, e um dos motivadores desta edição 12 da *Rebento*: “[...] como usar esse poder, ou essas plataformas de fala, para de fato ouvir, de alguma maneira? Ou, talvez, para ampliar vozes de outras pessoas?”. Ver em: School of Resistance (2020).

## Referências

*School of Resistance - Episode One: This madness has to stop*. Livestreaming on the global, commons-based, peer-produced HowlRound TV network at howlround.tv on Saturday 16 May 2020 at 9 a.m. PDT (San Francisco, UTC-7) / 12 p.m. EDT (New York, UTC-4) / 17:00 BEST (London, UTC+1) / 18:00 CEST (Belgium, UTC+2). NTGent, 2020. Production by NTGent & IIPM, Partners: Akademie der Künste Berlin, Kulturstiftung des Bundes, Medico International, Merve Verlag, HowlRound, 2020. Disponível em: <https://howlround.com/happenings/school-resistance-episode-one-madness-has-stop>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SCHOOL OF RESISTANCE. *School of Resistance - Episode One: This madness has to stop*. 16 May 2020. Disponível em: <https://www.ntgent.be/nl/producties/the-school-of-resistance-this-madness-must-end>. Acesso em: 20 jun. 2020. p. 1-32.